

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

FABIANE PEREIRA DOS SANTOS MOREIRA

**LEITURA CRÍTICA EM SALA DE AULA: HÁ ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DO  
SUJEITO-LEITOR?**

Porto Alegre

2012

FABIANE PEREIRA DOS SANTOS MOREIRA

**LEITURA CRÍTICA EM SALA DE AULA: HÁ ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DO  
SUJEITO-LEITOR?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane da Costa Naujorks

Porto Alegre

2012

FABIANE PEREIRA DOS SANTOS MOREIRA

**LEITURA CRÍTICA EM SALA DE AULA: HÁ ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

-----  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ingrid Nancy Sturm

-----  
Prof<sup>a</sup>. Pós-Dr<sup>a</sup>. Lúcia Rottava

Porto Alegre

2012

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus, pois desde o início desta jornada me acompanhou e nunca me deixou esmorecer;

À minha mãe Rose, pelo apoio e incentivo nas horas mais difíceis do curso. Por me transmitir valores, educação e me fazer acreditar que sou uma vitoriosa acima de tudo;

Ao meu pai Antonio, pela dedicação e por apostar em mim e na minha capacidade;

Ao meu irmão Eduardo, por todo o carinho e compreensão;

Ao Thor, pelo companheirismo nas longas madrugadas de estudo;

À minha orientadora, Jane da Costa Naujorks, por dedicar seu valioso tempo para me orientar e me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho;

Às minhas mestras, Ingrid Nancy Sturm e Monica Nariño, pela contribuição tanto acadêmica quanto pessoal. Por sempre me ouvirem e me influenciarem nas minhas futuras decisões profissionais: sempre me lembrarei de vocês;

Às minhas colegas de classe, em especial, à Andressa, à Daiana, à Débora, à Júlia, à Lisiane, à Maísa e ao Marcelo com quem construí laços de amizade. Obrigada pela atenção, pelos sorrisos e pela cumplicidade.

A todos que não estão aqui, mas me ajudaram a concluir esta etapa da minha vida e contribuíram para a formação da Fabiane de hoje.

A certeza de que tudo está escrito nos anula e nos transforma em fantasmas.

Borges

## **RESUMO**

A presente monografia propõe uma reflexão sobre a leitura crítica e a formação do sujeito-leitor em sala de aula. Para isso foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola pública estadual e em uma federal, com o intuito de saber como se realiza a prática de leitura no ambiente escolar, verificando se há nesses lugares a preocupação com a formação de um sujeito crítico e reflexivo. Por fim, busca-se compreender o porquê da atividade de leitura não ser vista como uma prática social e discursiva, mas sim como um pré-requisito para a elaboração de trabalhos e provas.

Palavras-chave: Leitura. Ensino. Perspectiva social.

## **RESUMEN**

La presente tesina propone reflejar la lectura crítica y la formación del sujeto-lector en clase. Para eso fue realizada una investigación de campo en una escuela estadual y en una escuela estatal, con la intención de saber cómo se desarrolla la práctica de lectura en ambiente escolar. Se verificó si hay en estos espacios la preocupación con la formación del sujeto crítico y reflexivo. Al final, hay una búsqueda para comprender el porqué de la actividad de lectura no ser vista como una práctica social y discursiva, por más que sea presentada como un requisito para trabajos, pruebas.

Palabras clave: Lectura. Enseñanza. Perspectiva social.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 LER: UM CONCEITO MULTIFACETADO</b> .....	10
2.1 LEITURA: UMA REFLEXÃO DIANTE DO MEIO EM QUE VIVEMOS .....	13
2.2 LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR.....	17
<b>3 O AMBIENTE ESCOLAR E SUAS INCÓGNITAS</b> .....	19
3.1 PESQUISA DE CAMPO: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE ESCOLAR .....	22
3.2 A LEITURA, A ESCOLA E OS SUJEITOS .....	27
<b>4 A ESCOLA, A LEITURA E A FORMAÇÃO INEXISTENTE DO SUJEITO-LEITOR</b> .....	29
4.1 RELAÇÕES INSTITUIÇÃO – PROFESSOR – ALUNO: UM PARECER SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS.....	31
4.2 À ESPERA DE RESULTADOS MELHORES NAS PRÁTICAS DE LEITURA.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>ANEXO A - RESULTADOS DA PESQUISA APLICADA NA INSTITUIÇÃO FEDERAL - GRÁFICOS</b> .....	41
<b>ANEXO B - PESQUISA PROFESSOR - INSTITUIÇÃO FEDERAL</b> .....	44
<b>ANEXO C - PESQUISA ALUNOS - INSTITUIÇÃO FEDERAL</b> .....	46
<b>ANEXO D - RESULTADOS DA PESQUISA APLICADA NA INSTITUIÇÃO ESTADUAL – GRÁFICOS</b> .....	50
<b>ANEXO E - PESQUISA PROFESSOR - INSTITUIÇÃO ESTADUAL</b> .....	53
<b>ANEXO F - PESQUISA ALUNOS - INSTITUIÇÃO ESTADUAL</b> .....	55

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu de uma questão que permeia a atividade docente da graduanda, qual seja, “como trabalhar a leitura tendo em vista a formação de um aluno-leitor inserido na sociedade?” Acreditando na possibilidade do ensino de leitura como forma de conceber o mundo, busca-se, nesta pesquisa, analisar o nível em que se encontra a questão da leitura na escola e também a maneira como esta vem sendo trabalhada em sala de aula. O primeiro ponto que se apresenta é que existe a necessidade de se compreender qual conceito de leitura pode ser estabelecido como direção para o entendimento desse grande processo.

Para tanto, em um primeiro momento, apontam-se alguns conceitos de leitura que permearão a pesquisa e que estão embasados em uma perspectiva social, tendo como base as leituras feitas da obra de Ezequiel T. da Silva. Nestas obras, encontra-se um caminho para dar conta da questão da leitura utilizada na formação de um sujeito crítico e emancipado.

Na sequência, expõe-se uma reflexão sobre a leitura no âmbito da escola a fim de averiguar como, na prática, funciona a leitura na escola e de confirmar, ou não, a hipótese de que o ensino não tem dado conta da leitura como um meio de inserção do aluno no mundo letrado. Neste caminho, um questionário foi elaborado para que se possa visualizar a forma como se estabelece o ensino de leitura na escola. Esse questionário tem por objetivo saber como o aluno reage frente às propostas de leitura da escola e qual o seu interesse em relação a outras leituras, que não a proposta pelo professor. Essa pesquisa será aplicada em duas escolas públicas distintas: uma estadual e outra federal.

A ideia é, a partir dos dados levantados, fazer uma avaliação sobre as condições de leitura e apontar ações que possam levar a um ensino voltado eminentemente aos aspectos sociais, culturais e pedagógicos da leitura. Aponta-se a necessidade de se enfatizar o aspecto social da leitura com vistas à formação de um sujeito crítico inserido na sociedade.

Silva (1999) alerta que o ensino deveria tomar outro rumo, outra postura como se pode observar na seguinte citação:

... a leitura deve sofrer uma mudança radical na forma como vem sendo concebida e praticada. Ainda que não queira e nem possa generalizar a afirmação para todas as instituições escolares brasileiras, o que se observa é a colocação das práticas da leitura como verdadeiras camisas-de-força para os estudantes - há até mesmo quem diga, fundamentando em boas observações empíricas, que a escola, ao invés de favorecer o amadurecimento e o aprimoramento do potencial de leitura dos estudantes, age no sentido oposto, ou seja, afastando as crianças e os jovens de qualquer tipo de material impresso. Por outro lado, há quem afirme que os próprios professores, devido à expropriação das suas condições de vida e de trabalho, apresentam um repertório restrito de leitura, podendo ser inseridos na categoria de não-leitores. (p.40)

Ainda que se tenha tido números crescentes de investimentos para a melhoria de acervos nas bibliotecas, em feiras e encontros literários, conforme registros da imprensa, os resultados de experiências nas escolas apontam cada vez mais a queda de formação de novos leitores, o que evidencia que a leitura, uma das principais contribuições para a formação crítica, para as reflexões e para a conscientização do cidadão como tal, não tem se concretizado.

## **2 LER: UM CONCEITO MULTIFACETADO**

Sabe-se que a leitura é um importante processo para o desenvolvimento comunicativo do indivíduo na sociedade e, quanto maior o domínio desse processo, maior será a sua participação na sociedade letrada. Apesar de se estar em contato com diversas teorias, ainda é difícil conceituar e analisar todos os elementos envolvidos nesse ato, já que seria impossível determinar todas as situações em que isso se realiza. Na sociedade temos uma visão concreta de que a leitura é necessária para o alargamento das capacidades cognitivas, culturais, sociais e pedagógicas, tornando o sujeito- leitor um cidadão crítico, sujeito esse que, nesse ato, constitui sentidos e compreensões que lhe darão acesso a um maior grau de entendimento sobre as diversas áreas de conhecimento.

Pensa-se em leitura como um grande processo para o desenvolvimento dos sujeitos, uma vez que se vive em uma sociedade cujos interesses estão mais focados na busca de informação e de formação. Tem-se ciência de que a união destes dois fatores é extremamente válida para a formação completa do indivíduo, porém o que acontece, cada vez mais nos dias de hoje, é a dissolução entre essa aliança informativa e formativa, fazendo com que a leitura seja apenas uma fonte de informação, sem permitir ao leitor a percepção de sua realidade. A leitura, claro, deve informar, mas sobretudo, quando há criticidade, ela forma o indivíduo, dando a noção dos mais variados pontos de vista sobre a realidade, tornando-o atuante na sociedade.

Tem-se conhecimento da variada gama de pesquisas acerca da leitura no país. Algumas dessas pesquisas abordam aspectos mais culturais, outros mais sociais, os discursos convergem, mas também apontam visões únicas e singulares. Neste capítulo, far-se-á uma abordagem sobre a leitura e seu viés sociocultural, tão presente no dia a dia e, ao mesmo tempo, tão esquecida na sala de aula. A proposta é fazer uma reflexão a respeito da inserção do sujeito, através da leitura, na sociedade, já que é nítido o poder desse ato na vida de um leitor crítico.

Far-se-á uma pequena abordagem sobre os conceitos de autores que visam ao campo linguístico, social e pedagógico. Entre eles, Kato (1985), Kleiman (2004), que desenvolvem a ideia do ato de ler sob o aspecto cognitivo, no qual há a prática de um conjunto de habilidades que auxiliam o leitor na busca do significado do texto; a interpretação, neste caso, vai ao encontro do conhecimento do leitor. Também cabe nessa perspectiva interacional, uma relação à distância entre o autor e o leitor, via texto. A contribuição mais pertinente acerca deste ponto interativo vem de Kato (1985) que aponta a tríade (autor - texto - leitor) como

uma estratégia para que um bom leitor atinja sua compreensão textual metacognitivamente. Outra linguista, que converge com Kato nessa questão, é Kleiman (2004) que também trata do leitor não apenas como receptor de informações, pois a interação é mútua:

Os textos podem ser compreendidos levando-se em consideração o caráter da interação entre autor e leitor, pois o autor se propõe fazer algo, e quando essa intenção está materialmente presente no texto, através das marcas formais, o leitor se dispõe a escutar, momentaneamente, o autor, para depois aceitar, julgar, rejeitar (p.19).

Por ser uma atividade linguística, o desenvolvimento da leitura é constantemente visto como conjunto de interações entre significado, significante, ideologias e cultura do leitor. Seria um erro pensar que a leitura, do ponto de vista linguístico, serve apenas para a transmissão do conhecimento padrão de língua imposto por classes favorecidas ou pela simples decodificação e decifração de textos. Entende-se que ler envolve uma série de associações intelectuais, críticas e, principalmente, experiências vividas pelo leitor e que todas essas associações, levarão a uma leitura realmente significativa.

Ao contrário do que diz Kato (1985) e Kleiman (2004), Orlandi (1996), uma das representantes da Análise do Discurso no Brasil, orienta a refletir sobre a interação que se estabelece entre os sujeitos – autor e leitor, e não com o texto. Ela aponta que no momento da escrita, o autor já define um leitor virtual/imaginário e quando este vem a ser um leitor real, encontra outro ali constituído, com quem vai se relacionar. Neste momento, entra-se em uma interação conflituosa entre “leitor virtual” e “leitor real”. A significação agora vai depender do momento em que o texto foi produzido, das referências históricas ideológicas dos leitores. Para a autora, o ato de ler é uma questão histórica e ideológica, a leitura “é uma questão de natureza, de condições, de modo, de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade” (ORLANDI, 1996, p.9). Ou seja, o leitor deve ter em mente a conexão linguística e a ideologia relacionadas aos componentes históricos e sociais determinados.

Sabe-se que a leitura é um acontecimento singular, único, ímpar, caracterizado pela relação que se estabelece entre leitor e texto, com o intuito de constituir sentido. A leitura é multifacetada; ela depende de fatores diversos para que se realize. Ela deve ser compreendida como um valioso instrumento na produção de novos conhecimentos, por permitir ao leitor novas compreensões da sua realidade, de seu mundo, seja ele qual for.

Segundo Martins (1994), a leitura não se restringe à escrita, e o leitor não é só decodificador da palavra escrita. Ou seja, ler é um processo em que o sujeito-leitor<sup>1</sup> encontrará informações significativas para se sustentar no meio social e escolar. A leitura só fará sentido quando instituir uma ligação com a realidade do leitor que, assim, forma dentro de si a vontade de participar cada vez mais ativamente da construção do conhecimento e da sociedade em que está inserido. É válido elucidar com o seguinte trecho de Martins (1994, p. 82): “Para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expressão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais.” Todo este sentido está vinculado a fatores pessoais como momento, lugar, circunstância, experiências que também estarão presentes nos textos.

Tendo em vista a relação leitor-texto-autor, o que deve ser enfatizado no ensino de leitura é o estímulo para a produção de sentido que, por sua vez, é sempre particular, concretizado em uma referência única. Neste caminho, percebemos, nas reflexões de Paulo Freire, que o indivíduo é priorizado e que o ensino deve estar sempre ligado ao texto e ao contexto. Para este autor *a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo*, pois só esta lhe trará sentido, o fará compreender e ter uma visão crítica do que leu. Ler envolve, portanto, constituição de sentidos e não decodificação de palavras. Provocado, estimulado e se portando como sujeito no seu próprio processo de ler, produzindo seus significados, aliando-os com suas experiências, o leitor assume um ato: o ato de ler. Através deste ato ele se coloca como um sujeito social e político, capaz de efetuar leituras através de seu ponto de vista, criando novos sentidos para as palavras.

Na concepção de Silva e Zilberman (2004), a leitura é um processo histórico pré-determinado, que expressa os anseios da sociedade. Para os autores, a leitura apresenta-se com um instrumento de controle, de modo que as classes dominantes permaneçam em uma situação socialmente privilegiada frente às classes desfavorecidas, deixando estas à mercê de uma incapacitação ideológica. Por também entender que a leitura apresenta várias vertentes, os autores afirmam:

Compreendida dialeticamente, a leitura pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade, em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou composta de indivíduos singulares, se relaciona ativamente com a produção cultural, isto é, com os objetos e atitudes em que se depositam as manifestações da linguagem, sejam elas gestuais, visuais ou verbais (oral, escrita, mista, audiovisual). Neste caso, a leitura coloca-se como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do leitor. (p.112-113)

---

<sup>1</sup> Termo retirado das obras de Ezequiel Theodoro da Silva

É preciso que dentro da sala de aula haja uma compreensão e uma análise sobre as contradições sociais presentes em nossa sociedade. O ensino de leitura não é imparcial, indiferente frente às questões que lhe são apresentadas nas práticas sociais. É preciso conceber que o processo de ler influencia em fatores extraclasse que acarretarão reflexões de nível social no aluno.

## 2.1 LEITURA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO MEIO EM QUE VIVEMOS

Apesar de haver muito incentivo<sup>2</sup> à leitura nos dias de hoje, encontra-se no ensino uma realidade desestimulante no que diz respeito a este ato. Ainda se vive na perspectiva de um país de leitores, não de meros decodificadores, sujeitos que saibam posicionar-se de maneira crítica diante de um texto.

Refletir sobre a leitura é pensar em seu valor, um valor positivo que traz benefícios aos indivíduos e à sociedade, pois só nela encontrará aquisição de conhecimento, informação, formação individual, enriquecimento cultural, ampliação das condições de convívio social, de interação e de prazer. A leitura não é um ato solitário, mas um processo de interação com o texto e com os outros indivíduos. Por uma perspectiva social, esta interação se dará quando um leitor, trazendo a sua bagagem de mundo, sua estrutura social e suas experiências, entra em contato com o autor e seu texto que, por sua vez, apontará para uma visão de mundo, de lugar na estrutura social.

Os indivíduos são socialmente determinados e isso garante um contexto social muito mais amplo do que se possa imaginar. A estrutura social, a divisão de classes e a estrutura ideológica são fatores que definem os parâmetros de leitores e não leitores do país. Infelizmente, as condições sociais estabelecem a diferença do valor da leitura para a classe dominante e para a classe dominada, pois é evidente que a camada mais favorecida terá mais acesso à leitura e, como consequência, mais apropriação dos discursos que circulam em nosso meio. A maioria das pessoas, no entanto, lê apenas quando tem uma finalidade, um propósito, vendo este ato como um elemento necessário apenas para a melhoria de sua vida, quando na verdade deveria reconhecer que, com a leitura, poderia se inserir em qualquer grupo social.

Ao contrário deste grupo, os mais favorecidos reconhecem o valor da leitura e a sua importância para ampliar o conhecimento, as experiências e, também, como uma ótima

---

<sup>2</sup> A ideia de incentivo aqui apresentada está vinculada ao crescimento significativo de campanhas e projetos por parte do Ministério da Educação, que muito tem investido nos acervos escolares e cursos para a capacitação docente frente à leitura.

alternativa para comunicar-se e expressar-se. Sabe-se os motivos pelos quais há tantas diferenças sociais, culturais, ideológicas, porém a instituição escolar não tem atuado para que estas diferenças se diluam. É na escola que surge a primeira possibilidade para que o indivíduo se integre ao mundo da escrita e da leitura. Este mundo está acessível a todos e não apenas àqueles que pertencem aos grupos de melhores condições de vida.

Na realidade, o acesso à leitura deve começar pelo professor que não pode ser “adotado” pelo livro didático. Ao contrário, o professor deve ter autonomia ao escolher como trabalhar a leitura em sala de aula tendo em vista a realidade do seu aluno, pois somente desta forma pode-se pensar no ato de leitura como caminho de transformação do sujeito, de sua inserção na sociedade como indivíduo consciente de seus direitos e deveres. É assim que se pode pensar a leitura em seu aspecto social.

Quem lê transforma-se em sujeito crítico e emancipado, pois consegue produzir seu próprio discurso e expressar, da melhor forma possível, suas ideias. Cabe salientar, neste momento, o que diz Soares (2004) sobre a diferença existente na leitura encontrada nos livros, revistas e jornais para a classe dominante e para a classe dominada:

Não será certamente por acaso que a progressiva conquista da escola pelo povo- que propicia, sobretudo, o acesso à escrita e, principalmente, à leitura- venha sendo acompanhada por esses mecanismos de sonegação e de distribuição seletiva, de modo que o acesso ao mundo da escrita vem significando apenas, para as camadas populares, ou a aquisição de uma habilidade quase mecânica de decodificação/codificação (ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne leitor), ou o acesso a universos fechados arbitrariamente impostos. (p.25)

Ora, o que restará a estes indivíduos senão a condenação de seres acrílicos? Como vão encontrar sua identidade na leitura se não lhes é permitido, através desta, tornarem-se leitores? O ato de ler definitivamente muda a sociedade e liberta a mente dos desfavorecidos, mostrando-lhes que têm capacidade de reconhecer-se como sujeito, e mais, um sujeito determinante para a mudança na sociedade.

Na mesma direção das reflexões de Soares (2004), depara-se com Silva (2009) em sua obra *Criticidade e Leitura - Ensaio* em que há uma questão bastante pertinente a este capítulo: a verdadeira realidade social brasileira visa à leitura. O autor acredita que realmente há uma necessidade de leitura crítica, em todos os âmbitos sociais, já que ela é uma prática social que estabelece a comunicação entre os indivíduos. O auge da questão de dominação literária se dá quando o autor põe em jogo a democratização da leitura, pois sabe que na sociedade esta ainda é deixada de lado quando se trata de transformação e conscientização, já

que um leitor crítico desenvolverá esse papel e, assim, com esta mudança haverá muitos riscos para quem tem o poder nas mãos. Ou seja, os benefícios literários ainda são para as minorias, infelizmente. Para elucidar este ponto, tem-se o seguinte trecho:

Vale ressaltar que a *críticidade*, como um emblema da cidadania e um valor atitudinal, é trabalhada ideologicamente por aqueles que detêm o poder econômico e político. Isso porque a conservação e a reprodução dos esquemas de privilégio dependem, fundamentalmente, da ignorância e do conformismo, aqui tomados como formas de escravização da consciência. Daí que a presença de sujeitos críticos e, por extensão, de leitores críticos seja incômoda, seja tomada como um risco aos detentores de poder. (...) Havemos de lembrar que, em termos de lógica dialética, a visão de mundo dos dominantes e os argumentos que a sustentam devem ser combatidos e destruídos com o intuito de fazer nascer uma outra, com outros fundamentos, em seu lugar. (p.25)

É impressionante ver como a leitura, um ato muitas vezes tão pequeno, desencadeia tantas interpretações as quais nem sempre são bem vistas por quem ainda prega uma injustiça social e, acima de tudo, injustiça intelectual. Como se pode pensar numa educação melhor se os primeiros passos nunca são dados? Simplesmente deve-se deixar de pensar e, como docentes, agir, devendo ser mediadores deste ato nas Instituições, acreditando no intelecto livre, sem podar ou discriminar qualquer ato transformador.

A leitura jamais deve ser vista apenas por um ângulo, apesar de que muitos ainda acreditam que esta se encontra só em livros e que os primeiros passos desta caminhada se dão na escola, no máximo em casa, quando há o primeiro contato com livros, prática pouco incentivada pelos pais. A leitura está presente em todos os momentos da vida, pois ela é gestual, corporal, artística entre tantas outras. Diz-se que ler é uma caminhada, pois se sabe que não é uma tarefa simples formar leitores. Esta prática envolve uma série de fatores, tais como maturidade do leitor, suas experiências textuais, incentivo, busca pelo prazer, entre outros pequenos fatores que são esquecidos pela escola. O caminho da leitura será percorrido até que o leitor se descubra entre as páginas e se depare com situações que o permitam ser crítico diante do que leu, formando a sua opinião e refletindo acerca de seu julgamento.

Dando continuidade ao enfoque do leitor crítico, observa-se que a cada dia um pequeno, porém notável, contraponto sobre a leitura se destaca: a diferença entre um leitor crítico e a leitura de um texto crítico. Formular hipóteses, relações, combinar ideias é uma maneira do leitor se posicionar diante do texto. O que ocorre é que na maioria dos casos a escola dá ao aluno um texto qualquer, sem interesse algum em que o leitor explicita seu entendimento sobre o que leu, sem relacionar esta leitura com sua vivência, o que acaba em uma interpretação rasa, superficial que não o leva a constituir sentidos para esse ato. Desse

modo é impossível pensar em um leitor que se transforma, que possa dar retorno de suas interpretações. É necessário que no ambiente escolar se criem diálogos construtivos para que o aluno venha fazer associações e levantar questões dos textos trabalhados, se identificando ou não, de acordo com seus valores.

Sabe-se que antes de tudo o leitor é um cidadão e espera-se que no momento da leitura, ele tenha em mente a sua realidade e a do autor também, que a interação se dê pela troca de experiência entre ambos, e que a fundamentação se dê pela realidade de cada um. Além disto, os processos de leitura, seja por prazer ou não, devem estar vinculados ao ensino nas escolas. O ato da leitura deve ser orientado e conduzido pelo docente, tendo em vista o objetivo de cada leitura e de cada leitor; porém, este ato sempre exige criticidade e equilíbrio para se evitar a inflexibilidade ou para que não se deixe levar por uma única leitura. Silva (2009) lembra que:

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais de realidade desse texto, examinando cuidadosamente e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. (p.33)

Outro ponto que vale a pena ser destacado é que, apesar de parecer que a seleção está mais criteriosa no que diz respeito aos textos escritos, principalmente no livro didático, não se observa um uso consistente de todos os gêneros que atualmente circulam na sociedade. E são, justamente, os novos gêneros que são acessíveis aos alunos, pois estão disponíveis nos mais diferentes meios tecnológicos. Nesse sentido, o auxílio do professor é fundamental, pois ele pode, ao trazer para a sala de aula textos diversificados que são do interesse do aluno, contribuir para que o educando saiba tomar atitudes críticas e se posicionar frente às diversidades impostas pela sociedade. O educador precisa se desfazer do paradigma escolar de que tudo o que vem da *internet* não é válido, não serve como material de estudo, o bom é “pesquisar nos livros”. Infelizmente, ao não adotar a diversidade, a tecnologia, a escola vem afastando cada vez mais a leitura da sala de aula.

Assim, se essa nova modalidade de textos, textos eletrônicos que também devem ser vistos como uma atividade de leitura, passa a fazer parte do cotidiano escolar, pode-se, realmente, falar em um processo de leitura que se aproxima da realidade do aluno. Os PCNs também já alertavam para esta nova prática de ensino tão pouco utilizada nas instituições.

É importante conhecer esta realidade para que a escola não se distancie dela. As formas de leitura e de escrita estão tendo no momento atual, uma mudança profunda: está surgindo uma nova modalidade de apropriação do texto. Neste final de século, estamos estabelecendo uma convivência com três tipos de textos: o manuscrito, o impresso e o eletrônico. Essa preocupação está presente nos próprios documentos dos PCNs referentes à Língua Portuguesa. Esses indicam que a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, precisa atender às demandas das transformações dos níveis de leitura e escrita, realizando uma revisão substantiva de suas práticas de ensino para que essas possibilitem ao aluno aprender a linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente. (p.45)

O texto digital vem como mais uma proposta para o ensino de leitura nas escolas já que há uma grande demanda social que exige uma evolução no âmbito escolar. As práticas de leitura/ escrita, assim como as práticas socioculturais, também vêm sofrendo mudanças com o advento da *internet*, e essa transformação possibilita ao professor desenvolver atividades que motivem o educando a buscar conhecimento, satisfazer as suas curiosidades sobre algum tema, em especial de sua preferência neste mundo tecnológico.

## 2.2 LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR

Quando o assunto é leitura, percebe-se que a sua prática está cada vez mais descontextualizada, instrucional e repleta de conhecimentos específicos para uma só finalidade: formar um aluno desestimulado e incapaz de se integrar ao mundo do conhecimento, privado de explorar a leitura em seus mais diversos âmbitos, principalmente, o que retrata as questões sociais e suas dimensões. O que se percebe é que há apenas transmissão de conhecimentos e sentidos pré-estabelecidos, buscando respostas entre linhas sem ao menos saber o que está escrito e sem entender o significado dos vocábulos no contexto em que se encontram. Geralmente são leituras para prova ou seminários. Desta forma, o aluno acaba limitando-se apenas a uma compreensão superficial, onde ele seleciona e organiza as informações presentes no texto, sem que as ideias trazidas por ele acrescentem nova informação ao escrito.

É importante que haja motivação e vontade para que a tarefa de leitura seja positiva e prazerosa, pois infelizmente estas estão sendo deixadas de lado no que se refere ao aprendizado escolar. Os estudiosos da área têm procurado apontar aspectos que ajudem o docente a encontrar um meio de resgatar leitores nesse ambiente, auxiliando em práticas e projetos para que o perfil do estudante possa chegar ao do leitor proficiente. O foco, dentro das instituições de ensino, deve ser o sujeito que se quer formar e, para isso, deve-se centrar

as atividades leitoras no sentido que se quer constituir, nas discussões linguísticas textuais, nas produções de significado.

Outra questão que deve ser pontuada é que nas escolas os textos e os livros, muitas vezes distantes da realidade do aluno, são vistos como verdades únicas, sem que haja possibilidade de questionamento. Com certeza o aluno, com isso, se sentirá desestimulado a continuar a leitura, pois, além de não poder interferir em nada, não produzirá sentidos nem reflexões. Os livros didáticos, principalmente, complementam esse pensamento, trazendo mais uma possibilidade de desânimo ao pobre leitor, pois trazem conteúdos estanques que não permitem ao aluno desenvolver sua capacidade de reflexão. Mesmo modernizados, com nova roupagem, esses não conseguem incentivar professores e alunos a uma discussão mais reflexiva sobre a realidade. O professor deveria se desvincular desse material, de modo que ele e seus alunos construíssem seu próprio material de leitura, material esse que traria elementos da realidade do aluno.

Não sendo assim, não há como formar leitores críticos, com a possibilidade de troca de experiências e constituição de sentidos da vida e para a vida. O material de leitura deve sempre cativar o aluno, ser de seu interesse, por isso pode ser construído por ele próprio, pois é preciso entender que as coisas só têm sentido no momento em que se institui uma ligação com a própria realidade e que, para que isso ocorra, se faz necessária uma conjunção de fatores pessoais, tais como o momento, o lugar e as circunstâncias. Assim, para ler com compreensão, é preciso que o aluno busque sentido no que lê a partir de sua realidade mais próxima, pois, caso isso não aconteça, é impossível que ele consiga ler adequadamente.

Para finalizar, é importante ressaltar a participação do professor diante desta prática de ensino. Às vezes, o docente não tem a capacidade de ajudar o aluno a compreender, a se inserir no texto que está lendo. É interessante, também, observar como se dá a relação entre aluno- instituição- professor, já que é nessa tríade que se dá o processo de interação. Frente a estes questionamentos, dá-se continuidade ao trabalho, apontando a importância da leitura para professores e alunos, demonstrando, através de uma pesquisa de campo, como esse processo se desenvolve na escola em relação à orientação do professor e ao interesse do aluno.

### 3 O AMBIENTE ESCOLAR E SUAS INCÓGNITAS

Já se falou que a leitura é um processo muito abrangente que se faz presente em seu aspecto social e cultural de uma forma bem variada, no entanto, no que diz respeito ao aspecto pedagógico anda, ainda, em marcha lenta. Para a escola, parece evidente a possibilidade de “aprender” a ler assim como o aluno “aprende os conteúdos pré-estabelecidos”, pois desconhece a leitura como uma forma de conceber o mundo, de constituir um sentido, de reconhecer que o indivíduo, para se tornar leitor, deve partir de suas próprias referências, individuais, sociais, históricas, enfim, dar um sentido singular, partilhado, aos textos dos quais se apropria.

O que mais se ouve no campo do ensino são, em geral, as reclamações dos professores, “meu aluno não gosta de ler!”, “trabalhar a leitura é muito difícil, exige tempo e atenção”, “eles não gostam de clássicos, só de livros de vampiros que se apaixonam por humanas: não vou dar isso aqui na escola”, “meu aluno só gosta de navegar na *internet*, não tem interesse em ler livros”. Bem, para tudo há uma solução e com o ensino de leitura não é diferente. Primeiramente, todo o corpo docente deve ter em mente que a escola é o espaço ideal para a promoção de leitura e que, reconhecer, codificar e decodificar palavras é muito diferente de motivar o aluno a ler. É o professor que pode direcionar o aluno a uma leitura que implique conscientização desse processo, que ocorre por uma via de aprendizado particular, de que resultam competências muito diferentes.

Pode-se dizer que a leitura é a dimensão mais importante do ensino e se torna insuficiente porque se limita apenas ao texto priorizado pela escola. Cabe salientar que a aceção de leitura, restrita ao texto escrito, não permite que o aluno desenvolva sua capacidade crítica. O ensino deve possibilitar ao aluno acesso aos mais diversos conhecimentos que o ajudem a descobrir-se de maneira crítica.

Outra questão que deixa muito a desejar no que se refere à leitura escolar, diz respeito às obras literárias, as quais, mesmo introduzidas em sala de aula, não são tratadas como leitura de interesse do aluno. Será que a escola precisa, necessariamente, abandonar a literatura clássica para introduzir em sala de aula a literatura que está à disposição do aluno, no seu dia a dia, como a saga Crepúsculo, Percy Jackson, Diário da Princesa, entre outros, para que o aluno adquira o hábito de ler? Esta questão tem sido tratada pedagogicamente, pois parece que a leitura somente acontece se vier ao encontro dos interesses dos alunos. No entanto, sabe-se que há possibilidade de adotar para leitura, tanto a literatura, dita clássica, quanto à “literatura” disponível fora da sala de aula.

Sabe-se que todo leitor lê de acordo com os seus interesses, pelo prazer, pela formação e informação, porém a escola deve ser vista como um ambiente de estudo, e é nela que o aluno conhecerá os clássicos e, isso, possibilitará a ele o reconhecimento de dois lados da leitura, fazendo-o apreciar um e/ou outro, contrapondo, relacionando as ideias presentes em cada livro lido por ele. Deve haver um meio termo, uma troca entre as leituras do professor e as leituras do aluno. Acredita-se que não é um equívoco do professor levar para a sala de aula enredos que contagem e prendam a atenção do estudante, entretanto o que deve ser analisado é a contribuição da obra para a formação cultural do aluno. O docente deve observar que elementos ele colherá destes textos e de que forma ele relacionará com as demais obras ditas “obrigatórias”. O trabalho, envolvendo textos não literários, sempre será visto como um acréscimo, nunca como uma totalidade. Como nos mostra Mário Feijó (2010), em o Prazer da Leitura ao relatar questões dos alunos sobre algumas leituras que haviam realizado fora da sala de aula e que agora comparavam às leituras apresentadas pelo professor. Perguntaram eles:

Circe da Odisséia era a mesma Circe inimiga da Mulher – Maravilha, nos quadrinhos? [...] O líder dos X-Men tinha o nome de Ciclope por causa do visor que usava, dando a impressão de que tinha um olho só? [...] O Mago Merlin tinha mesmo um irmão chamado Etrigan?... (p.15)

Isso mostra que a diversidade textual está vigente e clama pela atenção da educação. O aluno poderá não deleitar-se ao ler um clássico, mas deverá conhecê-lo ou ao menos saber de sua existência, assim como outros gêneros que também estão disponíveis na escola, pois somente com uma gama de opções, com o objetivo de ampliar e diversificar o seu interesse, é que a leitura terá um papel mais significativo em sua vida.

No que diz respeito ao professor, aquele que lê transmite, através de seus atos, uma motivação maior no que se refere à leitura. Porém, o que se percebe é que, quando o professor não demonstra ter uma grande variedade de leitura canônica, ou seja, é um professor que visa apenas à prática escolar de leitura, os textos sempre se direcionam para os sentidos gramaticais, fechados a interpretações superficiais que são respondidas no texto, nada além. Isso significa que o texto sempre está disponível para as funções escolares quando o professor não está engajado no planejamento de leitura. Hoje os textos são curtos, sem contexto, pois devem ser consumidos rapidamente, com pouca dose de informações. Quando o professor não acompanha a leitura do aluno ou indica textos que não foram lidos por ele próprio, não há como cobrar informações mais específicas da leitura realizada. Esta é, portanto, uma atividade típica da escola, especificamente do professor que não planeja, não se envolve com todos os

aspectos possíveis de serem explorados nesse processo. Desse modo, é impossível reconhecer um processo de ensino de leitura, é impossível formar aluno crítico.

Somente a partir da leitura com vistas à inserção do aluno na sociedade é que se pode falar em aluno-leitor, como aponta Silva (2010):

Perder de vista o social é deixar de lado a dimensão política e filosófica das práticas de ensino. É cair nas malhas da alienação. É não saber definir por que, para que e para quem trabalhar com o conhecimento. É correr velozmente para dentro do prédio da escola por medo das contradições da realidade e por achar que ali – no espaço sagrado- essas contradições podem ser acobertadas. É transformar a sala de aula no paraíso da mentira. É querer tapar o sol com a peneira. (p.90)

Nota-se aí, uma total falta de comprometimento com a leitura, pois, quando essa ocorre, não passa de um fingimento: “eu finjo que ensinei, eles fingem que aprenderam”. O professor dá o texto, o aluno só se interessa quando há uma finalidade visível; se não há, todos fingem que entenderam o que leram, sem que haja uma reflexão a respeito do material lido. Isso normalmente ocorre porque não existe um objetivo específico de leitura na escola. Não se lê para compreender, para propor uma reflexão, uma discussão, mas para cumprir um artificialismo presente na educação que é falha. Muitas vezes por não seguir uma teoria ou por não adotar a formação contínua, o professor de Língua Portuguesa fica com o seu conhecimento estagnado e, como consequência, o seu repertório fica limitado sempre às mesmas indicações de leitura e de prática. Para elucidar o que se disse agora, Silva (2010) faz a seguinte analogia:

...Estamos falando do trabalhador-professor, responsável pela preparação, adubagem e limpeza do terreno, pelo cuidado com a seleção de sementes e pelo combate às ervas daninhas e outras pragas que podem colocar em risco toda a safra de leitura e de leitores. (...) Se refletirmos bem, veremos que o professor é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura escolar. Sem sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a produzir o benefício que a sociedade espera e deseja, ou seja, leitura e leitores assíduos e maduros. (...) A expropriação das condições de trabalho, ocorrida ao longo da história e acentuada nos últimos tempos, e a consequente luta pela sobrevivência bloqueiam a atualização dos professores, dificultando ou até impedindo o acompanhamento da literatura em sua área de atuação profissional. (p.18-19)

O que Silva (2010) aponta é que o profissional da educação precisa de orientação tanto quanto seus alunos e, mais, é preciso que tenha à sua disposição, também, equipamentos para que promova com mais eficácia a leitura na Instituição. Um espaço bastante válido para complementar o ensino e unir os conhecimentos são as Bibliotecas Escolares. Esse ambiente passa despercebido quando não é solicitada aos alunos uma produção que envolva pesquisa,

ou alguma atividade valendo nota. Poucos alunos retiram obras para ler em casa pelo simples prazer de ler. Acredita-se que, mesmo que o docente não solicite a ida dos alunos à biblioteca, cabe ao mesmo observar quem utiliza este recurso, incentivando e contribuindo de acordo com o nível e gosto literário do discente.

Em meio a tantas questões sociais que a leitura aborda, os docentes têm que levar em conta no ambiente escolar à multiplicidade cultural para preparar o cidadão, pois o significado da leitura e da escrita não tem o mesmo valor que antigamente. Não basta apenas ler e escrever, mas interpretar e ser crítico, pois a sociedade pede mais formação e mais informação de todos que vivem nela. Além disto, deve-se ter em mente que todo texto influencia os discentes, seja qual for a leitura e o modo que esta será apresentada. Cabe ao docente questionar e perceber as referências culturais que cada aluno traz consigo.

### 3.1 PESQUISA DE CAMPO: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE ESCOLAR

Este subcapítulo se destina à apresentação dos dados de uma pesquisa, cuja finalidade foi averiguar o nível de leitura, tanto para o uso escolar quanto para o uso pessoal dos alunos. Também foram interrogados para saber como é a sua relação com a leitura dentro da instituição. Um questionário foi, também, entregue aos professores com o intuito de saber como eles encaminham o aluno para o universo da leitura, como se revela a afinidade ou não dos estudantes com os livros e em que nível (superficial ou profundo) as questões textuais são abordadas.

Para a realização da investigação, fez-se a coleta de dados em duas escolas públicas, porém distintas em suas ações educacionais, já que a instituição federal, além do ensino, prioriza a extensão e a pesquisa, disponibilizando horário para a atividade de planejamento e de pesquisa do professor e, a outra escola, da rede pública estadual, prioriza só o ensino, “o dar aulas”. As escolas, onde se efetuou a pesquisa, foram o Colégio de Aplicação – UFRGS e o Instituto Estadual Professora Gema Angelina Belia, com as turmas 91 e 202 (primeiro e segundo anos do Ensino Médio), respectivamente. Pode-se observar e obter, nesta pesquisa, respostas concretas, tendo em vista a leitura crítica, a formação de sujeitos-leitores e como se dá a relação destes no ambiente educacional.

Nos instantes iniciais em que se esteve na sala de aula da turma 91 do Colégio Aplicação- UFRGS, observou-se que o lugar é ideal para a promoção de leitura na escola, pois é aconchegante, bem iluminado e arejado. As mobílias convencionais (mesas e cadeiras) são limpas e praticamente novas, sinal de que há investimento e visam a qualidade no lugar.

Neste dia a turma contava com vinte e oito alunos e todos foram orientados a responder o questionário assim que terminassem a prova que estavam realizando. Casualmente, a prova era sobre *O Guarani*, de José de Alencar, e os alunos contavam com a ajuda do seu material, que incluía *laptops* denominados *UCA* (“Um Computador por Aluno”).

Visitou-se, também, a biblioteca, que tem em seu acervo grande quantidade de obras literárias, revistas e gibis, tudo ao alcance dos usuários. Durante o tempo em que se observou a biblioteca, percebeu-se que os alunos do colégio movimentam-se espontaneamente, acessando os livros que desejam e, se for necessária ajuda, há bibliotecários que fornecem orientação (essas orientações são mais frequentes para a localização de uma obra não encontrada).

Após estas observações, foi entregue a pesquisa aos alunos (ANEXO C), e pode-se realizar o levantamento das respostas, chegando ao seguinte resultado:

1) Para a primeira questão, em primeiro lugar, a maioria dos alunos interrogados respondeu que lê seis livros por ano para atividades escolares. Em segundo lugar, alguns alunos relataram que leem cinco livros durante o mesmo período. E por fim, alunos que leem apenas quatro livros neste período;

2) Para a segunda questão, os resultados não foram muito satisfatórios: dos vinte e oito alunos que foram interrogados, oito deles afirmaram que leem apenas um livro por vontade própria, de gosto pessoal. Em segundo lugar houve um empate, com a média de leitura para dois e três livros por ano. Dois alunos apontaram que não leem livros durante o ano;

3) Na terceira questão da pesquisa, dezessete alunos responderam que frequentam a biblioteca, mas apenas para a retirada de livros para as leituras exigidas. Apenas dois alunos retiram para uso pessoal. Há dois alunos que compram livros, quando necessário, para atividades escolares;

4) Diante dos resultados anteriores, a resposta da quarta questão não poderia ser diferente: a maioria dos alunos da turma 91 do Colégio Aplicação aponta, com quinze votos, que é o professor quem mais indica as leituras a serem feitas. Na sequência, são os amigos, com oito votos, a família com seis votos e o bibliotecário com dois votos. O interessante a apontar é que um aluno respondeu que ninguém lhe indica alguma obra a ser lida, o que é contraditório na visão do professor regente, já que este é quem indica. (Alguns alunos assinalaram mais de uma opção, o que foi aceito para compor esta análise).

Quanto à pesquisa entregue ao professor (ANEXO B), pode-se constatar que ele se mostra bastante empenhado na formação de um leitor, pois apesar de não haver um projeto específico de leitura, ele aposta na “*tradição de exigir leitura de um livro sugerido em cada*

*mês*”. Ele acredita que nem sempre há razões para haver prova, mas cobra a leitura das mais diversas formas: encenações dos capítulos, julgamentos de personagens da obra eleita. Além do mais, o seu acervo, tanto pessoal, quanto profissional é vasto, pois lê mais de dez livros por ano, o que faz acreditar que seu repertório é bastante amplo.

Verifica-se que o Colégio não consegue disponibilizar uma grande quantidade de exemplares da mesma obra exigida, apenas cinco unidades de cada. Porém o professor, que está atento a esta situação, encontrou uma maneira para que a turma possa ler os volumes: vende os livros em consignação e repassa o valor, já com o desconto, aos alunos.

Apesar de perceber que os alunos mal leem o que lhes é sugerido, conforme respostas dos mesmos, e que apresentam pouco interesse nas obras expostas, o educador verifica que, mesmo com pouca leitura, os alunos *são críticos à sua maneira* (diz o professor), pois sempre apontam algo em certas obras e muitas vezes tendem a mostrar um olhar mais atento em certo ponto, que pode ter passado despercebido por ele próprio. Embora haja essa qualidade, ele acredita que os alunos apresentam dificuldade quando se trata de compreender o que está escrito, de interligar a outras obras e ultrapassar, com suas imaginações, as páginas da obra em questão. Cabe ressaltar o que Zilberman (1984) diz sobre esta questão, de explorar o mundo da literatura além das linhas lidas:

A literatura configura-se como aquele lugar utópico, onde se congrega a cultura e se sintetiza o real, tudo isto ao preço de uma subversão dos valores vigentes e da veiculação de um saber sobre a realidade, que, ainda quando fictícia e fantasiosa, merece mais crédito que as noções que circulam como mercadoria aviltada, a serviço do poder que se deseja questionar. É o que motiva um novo pacto da criança com o mundo, mediado pelo suporte oferecido pela obra literária, num exercício que se faz, primordialmente, a sós, sem a interferência das instituições, sejam pedagógicas ou domésticas. Pois a literatura impõe ao leitor sua solidão e liberdade, já que se sustenta tão-somente do substrato cognitivo que expressa, prescindindo de um interesse pragmático suplementar, mesmo quando empregada no âmbito da sala de aula. Por isso, seu resultado coincide com um crescimento interior, o que repercute na configuração de um pensamento autônomo, com condições de resistir e se posicionar perante a sociedade e seus instrumentos de manipulação. (p. 16-17)

Desta primeira instituição pode-se constatar, através da pesquisa, que os alunos leem apenas quando são guiados, orientados pelo professor, contudo, essa leitura não se dá apenas nas bibliotecas, mas acontece, geralmente, pela internet, ambiente em que eles buscam resumos, resenhas específicas e comentários a respeito das obras solicitadas. Isto mostra que, por mais que haja todo um engajamento por parte do professor, uma preocupação para que haja práticas variadas do exercício da leitura, há pouco interesse por parte do aluno, pois este ainda não se deu conta de que o livro é fonte de saber e prazer e não de dever.

Na sala de aula nota-se que o docente se apresenta preparado para as práticas de leitura, pois é um profissional que possui nível superior e atua há anos na área, disponibilizando tempo e apostando na melhoria do aprendizado da turma. Quanto os discentes, apesar de terem à sua disposição os recursos necessários para a realização da prática de leitura, não demonstram interesse em se constituírem como sujeitos-leitores, mostrando que não assimilaram o papel da leitura na sua formação.

A segunda escola pesquisada foi o Instituto Estadual Professora Gema Angelina Belia, turma 202, aonde foi realizado o estágio de Ensino Médio. No dia da pesquisa, a turma contava com vinte alunos (no total são vinte e nove alunos) em uma sala de Língua Portuguesa que não proporciona ao aluno um incentivo maior, já que não é bem iluminada. Ali há uma estante repleta de livros didáticos; as mesas e as cadeiras estão riscadas e há somente um ventilador numa sala que comporta até quarenta alunos.

A biblioteca conta com um bom acervo, com vários títulos nacionais, porém sem muitos exemplares, o que é destacado várias vezes na pesquisa realizada com a educadora da turma (a média é de três a quatro livros de cada obra). O que mais chama a atenção é que a maior parte da composição desta biblioteca está destinada às leituras específicas para o Ensino Fundamental. Há pouco material que possa interessar aos alunos do Ensino Médio. Também não há diversidade nos clássicos, mas encontrou-se uma grande variedade de livros de contos de autores brasileiros.

Ao responder a pesquisa, os alunos afirmaram que:

1) Na primeira questão, sete alunos relataram que, quando a professora solicita, leem dois livros durante o ano. Outros quatro alunos garantiram que leem três obras no mesmo período, três alunos responderam que leem seis obras para atividades escolares e outros três afirmaram que leem dez ou mais para a mesma finalidade;

2) Na segunda questão, sobre leitura para uso pessoal, ou seja, sem indicação da professora, sete alunos interrogados, responderam que leem apenas um livro para uso pessoal por ano, e seis alunos afirmaram que leem de duas a cinco obras;

3) Para a terceira questão, não foi difícil prever a relação desta turma com a biblioteca e suas finalidades: onze alunos interrogados afirmaram que não frequentam a biblioteca. Nove alunos garantiram que vão pouco e oito deles responderam que, quando vão, buscam obras para atividades escolares (trabalhos exigidos pela professora). Nenhum aluno respondeu que retira livros para uma leitura pessoal;

4) Para a quarta questão da pesquisa, dezessete alunos apontaram a professora como a pessoa que indica livros para eles. Em segundo lugar, citaram os colegas/amigos e, em

terceiro, a família. (Alguns alunos assinalaram mais de uma opção, o que foi aceito para compor esta análise).

Diante das questões expostas, é nítido que os alunos desta escola não são leitores em potencial e que a biblioteca é um ambiente ultrapassado e pouco utilizado. Parece que o aluno é direcionado (e se sente assim) a ler pelo simples fato de que tem que ser lido, pois em uma conversa informal com eles, pode-se observar que eles não veem finalidade no projeto de leitura proposto. Uma aluna relatou que a leitura, vista por ela, é “mandada” e não incentivada. Este pensamento vem convergir com o que se pensa a respeito do professor cumprir o conteúdo programado e não uma prática de ensino consistente à instituição e ao aluno.

Na contramão das respostas dos alunos, a professora, quando indagada, afirmou que há um projeto trimestral feito por ela que visa estimular a leitura de contos e romances em todas as turmas do Ensino Médio. A proposta da atividade ocorre da seguinte forma: a educadora dá sugestões de obras para as turmas e, após os alunos realizarem a leitura extraclasse destas, apresentam-nas para os demais colegas, opinando, criticando e envolvendo os demais no enredo, para que se sintam estimulados a ler também por conta própria, sem cobranças. A professora salientou que pode ocorrer de o aluno indicar uma obra que não está em sua lista de sugestões, mas se for da mesma escola literária estudada pela turma naquele trimestre, o mesmo poderá realizar as atividades com a obra apontada por ele.

Questionada sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos ao ler, a educadora aponta, através da pesquisa, que os motivos são: em primeiro lugar, a falta de tempo para praticarem uma leitura atenta, por isso a defasagem de leitores na instituição. O segundo motivo é a escassez de obras na biblioteca. Como não há exemplares da mesma obra para toda a turma, ela sugere um autor, em diferentes títulos para que todos possam conhecer um repertório vasto e rico da literatura. Nota-se que em todo o momento da pesquisa, a professora fala apenas de obras literárias, contudo não aponta, em momento algum, a importância de formar um leitor reflexivo e atento às práticas existentes na sociedade. Ela assinala que os alunos são críticos, mas a criticidade citada gira em torno do enredo, da história e dos personagens do livro como se pode observar em sua resposta. Tendo como base Sánchez Miguel (2012), considera-se que, ao contrário do que a docente explicita, a leitura nessa turma não é interpretativa e crítica, mas somente interpretativa já que o autor alerta para a diferença entre *compreensão superficial* e *compreensão reflexiva*:

1. Compreensão superficial. Essencialmente, significa que o aluno pode entender o que diz o texto porque foi capaz de selecionar e organizar a informação contida nele. Isso se evidenciaria em tarefas que requerem do aluno resumir o texto, parafraseá-lo e recordá-lo. A chave está em que todas essas tarefas exigem utilizar conceitos e ideias que estão presentes no texto ou são suscitadas diretamente por ele. Nesse caso, as ideias trazidas pelo leitor não acrescentam informação nova ao texto, mas unicamente, e no caso mais complexo, sintetizam ou integram informação que está presente(...).
2. Compreensão reflexiva. Implica compreender o mundo ou situação a que se refere o texto. Uma tarefa avalia esse tipo de compreensão se, para resolvê-la, não for suficiente a informação contida no texto e o leitor tiver de recorrer aos seus conhecimentos e realizar algum processo de integração. (...) essa integração pode afetar elementos locais, o que requer uma compreensão do texto em seu conjunto. (...) (p.60)

O termo “compreensão”, nesta pesquisa, tem muito a acrescentar no que diz respeito às práticas docentes de leitura. Interrogada sobre a relação de quantidade e qualidade nas leituras, a educadora afirma que visa à qualidade e que as leituras “*são debatidas em grupo para que haja compreensão*” (palavras da docente). Conclui-se que essa compreensão, como se observa logo em seguida na sua resposta, é totalmente superficial, já que ela confirma esse pensamento dizendo que “Há também trabalhos baseados no livro (...) é apresentado um roteiro narrativo que possibilita ao aluno retomar a leitura à medida que vai desenvolvendo a resposta às perguntas apresentadas”. No que diz respeito às leituras pessoais e profissionais, não existe uma variação entre os dois professores, pelo contrário, ambos realizam mais de dez leituras durante o ano.

### 3.2 A LEITURA, A ESCOLA E OS SUJEITOS

O tempo do estágio nas Instituições e a coleta de dados permitiu observar a complexidade da questão que envolve leitura crítica e reflexiva. Nota-se que a forma como a leitura é apresentada nas escolas, principalmente na instituição estadual, não oferece a garantia de que a mesma forme um sujeito leitor, reflexivo e crítico. Acredita-se que os professores apenas permitem essa vivência leitora quando limitada às páginas das obras apresentadas por eles, mas não conseguem expandir e fazer o aluno desenvolver uma compreensão consciente, levando-o ao grau de leitor, de modo que possa julgar o texto, observar a finalidade deste em sua vida social. Quando o educando entender que a verdadeira leitura ocorre quando ele compreende e aprende com o texto, ele perceberá que a leitura não é uma tarefa somente da escola, mas uma atividade intelectual e cultural que afetará tudo o que o envolve.

Assim, ver-se-á, no próximo capítulo, que a formação do sujeito-leitor não é mais papel da escola. Esta formação acontece mais por vontade própria do aluno, que acredita nas mudanças de sua vida social e cultural. Infelizmente, a decisão de pensar e repensar não é do mundo escolar, pois nos dias atuais parece que os professores estão mais comprometidos em conduzir o aluno às compreensões textuais, mas não às compreensões do mundo. Os contextos sociais e culturais não estão sendo priorizados quando se trata do ensino de leitura. Os educadores não creem que um texto possa cooperar, ajudando o aluno a entender e modificar o seu mundo.

#### **4 A ESCOLA, A LEITURA E A FORMAÇÃO INEXISTENTE DO SUJEITO-LEITOR**

O processo de construção de leitura, para se tornar produtivo e importante na vida do leitor, depende de fatores tais como, os métodos de ensino adotados pelo professor, a visão de formação de um sujeito leitor, a aceitação do conhecimento prévio e da realidade sócio-histórica do aluno e das diversas formas de linguagem e conhecimento do mundo. Estes dois últimos fatores devem ser o ponto de partida para que se possa começar a trabalhar leitura e, conseqüentemente, a escrita dentro da sala de aula.

Cada aluno é singular, e é nessa singularidade que o professor deve se ater a fim de desenvolver um projeto de leitura que vise à formação de um sujeito inserido na sociedade. É preciso reconhecer que antes de chegar à escola, o aluno participa de práticas sociais que exigem dele leitura e interpretação como, por exemplo, leituras e interpretações gestuais de amigos e familiares, leitura de imagens vistas no seu dia- a -dia, quando lê/ assiste a um jogo, entre outras.

O sujeito-leitor estará sempre em formação a partir de suas experiências dentro das suas experiências individuais e de sua inserção no meio cultural e social, ocorrendo de maneira gradativa, quando ele se relacionar com outros discursos, contrapor-se a outros e perceber o que é relevante ou não para sua vida. O que se percebe é que a leitura na escola não se constitui em uma atividade real, e, de fato se percebe que as instituições valorizam são os atos interpretativos que visem apenas ao texto em questão, não havendo extensão de sentidos da palavra “leitura”. Dessa maneira, pode-se dizer que a leitura não começa, nem tampouco termina dentro da sala de aula.

O que muitos professores não reconhecem é que é a leitura que dá acesso ao conhecimento e que a escolha do texto, que será trabalhado por eles dentro da sala de aula, deve priorizar a realidade do aluno, seu contexto social-histórico. Não sendo assim, o professor acaba por limitar o processo de criação e desenvolvimento de sentidos do aluno, fazendo com que a leitura se torne cansativa e desmotivadora. O educador deve utilizar o bom senso para acertar na escolha dos textos, ajudando a tornar a leitura prazerosa, de modo que possa inserir esse leitor no ambiente de interpretação, de compreensão e de criticidade. O professor deve aliar às suas atividades, estratégias de leitura que lhe são mais convenientes, buscando, nas várias teorias à sua disposição, certas possibilidades de trabalhar a leitura.

A escola não tem como objetivo formar sujeitos-leitores. A leitura nesse ambiente tem sido colocada como mais um conteúdo a ser cumprido, muitas vezes com o objetivo pontual de realizar provas, trabalhos sobre certas obras, sem destinar nenhum momento para a

reflexão sobre a temática, apresentando-se como uma rotina de aprendizagem. Embora haja uma propagação de leituras direcionadas mais para a promoção do entretenimento e da imaginação do que para aspectos críticos e reflexivos, a leitura não se firmou como uma atividade prazerosa nas salas de aula, um lugar onde se lê, mas que, em contrapartida, forma poucos leitores.

Se for levado em consideração o que a sociedade diz a respeito do ensino nas redes públicas, mais especificamente da falta de perspectiva de leitura por parte dos alunos, notar-se-á o quanto é necessária a revisão das posturas e metodologias dos docentes frente à orientação de leitores. Os textos, em ressalva aos literários, sempre são pretextos para o rotineiro esquema de aprendizagem de regras gramaticais, memorização de informações contidas nos textos para, futuramente, serem respondidas num questionário fechado para avaliação. Dessa forma, não há posse, apreensão de ideias, exposição das interpretações individuais, mas juízos previamente postos ao texto, reproduzindo apenas o que o aluno pensa que o autor quis dizer. Acredita-se que a culpa não é, individualmente, nem dos estudantes nem dos professores, mas a integração entre eles deve levar ao processo de leitura como um caminho para o crescimento individual. Convergindo a este pensamento, Silva (2005) diz que:

Sem dúvida que a busca de conhecimento pode e deve ser mediada pela leitura de determinados textos, porém o ato pedagógico vai exigir muito mais do que isso. Entre as exigências básicas, coloca-se o estabelecimento de relações dialógicas para a aproximação das pessoas, para a organização do avanço cognitivo sobre determinadas questões e para as decisões a serem tomadas a respeito das necessidades de aprendizagem em grupo. Sem a prática dessas relações, sem que os textos selecionados sejam devidamente discutidos, sem que se organizem os conteúdos do conhecimento, teremos uma abordagem livresca no processo educativo. Essa abordagem, por sua vez, será autoritária e geradora de medo ou de individualismo, movido por conveniências oriundas da própria situação. (p.7-8)

O ato de leitura, portanto, deve ser de prazer, onde se encontram envolvidos todos os elementos, linguísticos, contextuais e históricos que fazem parte da vida do aluno-leitor. Aposta-se, primeiramente, na mudança entre os educadores, pois há alguns que ainda estão inseguros e/ou despreparados para a produção de leitura dentro da sala de aula. O professor deve ter autonomia e apostar no que acredita ser útil para beneficiar a turma, sem pensar somente em conteúdo e avaliação. O desapego a fórmulas prontas de leitura, a perguntas e respostas fechadas, encontradas em livros didáticos que não expressam a realidade do aluno são os primeiros passos para que o professor perceba qual a real necessidade da turma, seus reais interesses e assim deixar que o conhecimento se amplie na sua prática de ensino.

#### 4.1 RELAÇÕES INSTITUIÇÃO – PROFESSOR – ALUNO: UM PARECER SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS

A entrevista, apontada no capítulo anterior, com os professores e alunos abordou questões relativas ao processo de construção da leitura e visou saber as prováveis causas da desconstrução do ato de ler em seu aspecto social vivenciado nas escolas. Na pesquisa, questionou-se se haveria espaço para a leitura e para a promoção desta, na escola, de forma crítica/reflexiva, permitindo ao aluno resolver questões que estão além do texto, possibilitando uma visão mais ampla do mundo.

Os resultados obtidos na pesquisa mostram que, além do que foi mencionado anteriormente, por mais que haja um enfoque, um planejamento no que diz respeito à leitura, as escolas não conseguem ajudar na formação do sujeito-leitor, o qual deveria assumir uma postura crítica frente ao texto. O que se percebe é que as escolas vêm produzindo alunos-objetos de leitura que, quando postos frente aos textos, pouco apresentam em uma análise reflexiva do que leram, por que estão focados na análise interpretativa já que as leituras dadas não possibilitam uma compreensão da realidade e, nesse caso, a criticidade acaba por reproduzir-se em provas, seminários, trabalhos, entre outros.

Partindo da análise dos resultados obtidos na pesquisa, constatou-se que todos os professores estão devidamente preparados para atuarem como professores de Língua Portuguesa. Por possuírem instrução acadêmica e afirmarem que leem, considera-se que estes requisitos são necessários e básicos para aplicar a atividade de leitura em suas salas. Consta que o lado profissional destes docentes está em constante atualização, porém o que lhes falta para ter uma turma de sujeitos-leitores em ação? Diante de professores engajados, por que os alunos não demonstram interesse em ler? Constata-se que, apesar dos professores cultivarem a leitura no ambiente escolar, as práticas ainda são desmotivadoras por serem obrigatórias para os alunos, e não conseguem passar o mesmo gosto, que eles, os professores, têm de ler (um exemplo a ser seguido) para as turmas; assim, pecam na qualidade da aula, o que faz muita diferença na vida do aluno. Quando a produção resulta em avaliação, os alunos ficam presos nas práticas da interpretação e não conseguem ver sentido, logo se torna difícil criar o hábito de leitura.

Na pesquisa, os jovens deixam claro que a leitura não está relacionada ao seu sucesso profissional, e nem serve como auxílio em sua formação como cidadão. Fica nítido, com isso, que os textos trabalhados em sala de aula acabam não desenvolvendo habilidades significativas referentes às suas compreensões como leitores e que a maioria dos alunos

pesquisados, todos do Ensino Médio<sup>3</sup>, chegará ao Ensino Superior sem a visão de que a leitura é o passaporte para que ele possa pensar e se expressar melhor, consiga refletir sobre os textos acadêmicos e, com isso, possa produzir um bom texto.

Observa-se, por exemplo, a instituição de ensino, da educação fundamental à universidade, parece ainda contribuir, de modo incisivo, para um distanciamento entre o que ela propõe e o que dela se espera, em termos de ensino-aprendizagem da leitura, já que, apesar das transformações sofridas, em virtude do desenvolvimento e avanços tecnológicos, a escola mantém, com poucas exceções, os processos de ensino-aprendizagem de outrora. (KLEIMAN, 2000a, p. 18)

Cabe, também, analisar o aluno que fica sempre numa posição de ingenuidade, esperando que o seu educador resolva sozinho os problemas existentes na leitura. O educando nunca se põe no papel de questionador, não busca problematizar as questões postas em sala de aula, não procura esforçar-se para aprofundar seus conhecimentos. Ao invés de selecionar o que pretende ler, o aluno simplesmente deixa de ler e acaba não contribuindo para sua formação intelectual, fechando-se para a melhoria da sua qualificação, não pensando sobre a complexidade da sociedade em que vive, não se fixando como um cidadão crítico. Ele ainda não se conscientizou que, ignorando a leitura, ignora a possibilidade de se posicionar independentemente, de formular um pensamento consistente, tanto escrito como oral.

Parece que os professores, em geral, receiam que os alunos problematizem demais e, com isso, temem perder o controle ou o poder sobre a turma. Os alunos são doutrinados a lerem o que o professor manda, sem que haja liberdade para que o aluno se expresse sobre a leitura realizada. Não há expectativa de que o aluno possa julgar a qualidade do material de leitura trazido para a sala de aula, pois é nesse espaço que se poderia desenvolver um trabalho qualificado com vistas à formação de um indivíduo capaz de mostrar suas posições pessoais. A qualidade de ensino só acontece quando ocorre a “prática de liberdade”, como disse Paulo Freire (1976). O sujeito estará “liberto” quando for conscientizado e preparado para ler todos os acontecimentos que estão à sua volta e questionar o saber canônico existente na sua escola.

Constatou-se, através dos resultados, que os alunos demonstram pouquíssimo interesse em ler para uso pessoal e isso converge muito com o que foi dito acima, sobre a falta de ímpeto do aluno e mais ainda, com as questões de que “o bom leitor já vem de casa”. Não, ele não vem de casa e só será um leitor em potencial, quando desenvolvido em um grupo social ou através de práticas coletivas.

---

<sup>3</sup> Destinamo-nos a pesquisar alunos no Ensino Médio, pois pensamos que o nível de compreensão dos alunos seria maior, mas notamos que a maioria dos alunos interrogados mostraram-se pouco interessados no que diz respeito à leitura.

Nestes termos, erra quem pensa que a leitura é uma questão de dom, herança genética ou “passe de mágica”. Assim o fosse, seria possível pré-determinar os “iluminados da palavra” no sentido de enviá-los à escola (...). A leitura é, fundamentalmente, uma prática social. Enquanto tal, não pode prescindir de situações vividas socialmente, no contexto familiar, da escola, do trabalho, etc... Todos os seres humanos podem se transformar em leitores da palavra e dos outros códigos que expressam a cultura, mesmo porque carregam consigo o referido potencial biopsíquico (aparato sensorial+ consciência que tende à compreensão dos fenômenos). (SILVA, 2005, p.47)

Para complementar a falta de diálogo entre leitura e escola, notou-se que as bibliotecas carecem de projetos para a formação dos sujeitos- leitores. As duas escolas pesquisadas possuem suas próprias bibliotecas, com seu próprio acervo, mas o que se percebeu é que elas apenas preparam o aluno para as provas da escola ou para vestibulares. Verificou-se que o Colégio Aplicação, apesar de “incentivar” os alunos a pesquisarem em livros, irem à biblioteca, já aceitou a dupla ideia de que se é autorizado a pesquisar na *internet* e que a biblioteca já foi superada por ela. Infelizmente, sabe-se, como docentes, que a investigação, a procura pelo conhecimento, pela criticidade não existe somente nas redes tecnológicas, mas um “copia e cola” exacerbado, que visa enganar o professor e até o próprio educando, que acredita que fez o que lhe foi solicitado. Pouco se tem investido nas bibliotecas escolares para a busca de informações em revistas, jornais, livros e, como consequência disto, os estudantes mal conseguem estabelecer conexões entre suas ideias, processar e reconstruir informações, apoderar-se de seu próprio conhecimento, etc.

Se há carência nas bibliotecas escolares, se nos núcleos familiares a leitura é passada despercebida e se a escola não demonstra interesse em formar sujeitos-leitores, é necessária uma revisão sobre o papel da leitura na escola e na vida dos educandos, pois estes não podem sair da sua instituição de ensino sem se terem desenvolvido como leitores, sem que possam perceber que os livros e os textos são a única forma para exercer sua cidadania.

Ajudar os alunos a descobrirem-se como leitores não é uma tarefa fácil, mas cabe aos colégios e à sociedade incentivar as práticas de leitura como parte do aperfeiçoamento de um cidadão. Todo jovem é movido por seus interesses e o professor, ao utilizar estratégias/técnicas criativas, mostrando a ele qual a finalidade do texto/livro, fará com que seu aluno desperte para a leitura, não somente a do universo escolar, mas também para a leitura do mundo.

#### 4.2 À ESPERA DE RESULTADOS MELHORES NAS PRÁTICAS DE LEITURA

Uma das formas para que não ocorra mais esse caos no ensino de leitura, é a família, também tomar parte nesse processo, integrando o núcleo familiar ao ambiente escolar, estimulando a criança, desde cedo, a participar de seu processo de construção do sujeito-leitor. Na fase inicial de formação do leitor, os pais têm o papel de despertar, convencer, encantar o leitor iniciante, através dos mais diversos canais sensoriais como: as ilustrações, as cores, os formatos existentes nos livros. O estímulo e o incentivo facilita o aprendizado da criança, assim formando leitores assíduos e mais voltados para as questões sociais existentes. Esse ato de iniciação deve ocorrer em casa, porém, quando não acontece, o professor não deve deixar de lado esta iniciação. O que mais se percebe são os pais, preocupados com o entretenimento de seus filhos, dando equipamentos tecnológicos a eles para que se divirtam sem, no entanto, pensar no lado cultural. Para Barbosa (1994)

o adulto mediador de leitura é intérprete de um mundo repleto de aventuras que permitem à criança alargar as fronteiras do seu próprio mundo. Com o apoio do adulto, ela descobre que a leitura lhe permite viver experiências pouco comuns no seu cotidiano: a trama do texto permite-lhe experimentar sentimentos de alegria, tristeza, medo, angústia, encantamento. Com essas leituras, a criança já começa a conceber o livro como uma possibilidade de trocas interpessoais. (p. 136)

Quando as crianças, não habituadas a lerem, chegam às escolas, ao invés de ampliar o universo da leitura, os professores têm que resgatar o “tempo perdido”, não podendo iniciar aquele aluno imaturo com obras ditas maduras para o estágio em que o educando se encontra. O professor deve ter bom senso para perceber as necessidades dos alunos ditos não leitores. Infelizmente, o educador tende a ignorar o seu lado compreensivo e parte para os famosos rituais escolares, para cumprir a lista de conteúdos, não se sensibilizando com o aluno imaturo, no que se refere a leitura, que ali está. Então, ao invés de impulsionar o aluno, esta atitude implica desgosto do estudante para o universo literário. Para transformar essa situação no primeiro instante, o professor deve posicionar-se com mais autenticidade, não cumprindo regras impostas pela organização escolar, mas sim escolher, no primeiro momento, textos que privilegiem a leitura e que utilize metodologias singulares que se apliquem ao trabalho da turma em questão. Para Britto (1999),

(...) a leitura é um ato de posicionamento político diante do mundo. E quanto mais consciência o sujeito tiver deste processo, mais independente será a sua leitura, já que não tomará o que se afirma no texto que lê como verdade ou como criação original, mas sim como produto. A ignorância do caráter político do ato de ler, por sua vez, não anula seu componente político, por que este é constitutivo do processo, mas conduz a mistificação da leitura e dos textos impressos e ao não reconhecimento dos interesses e compromissos dos agentes produtores de textos. (p.7)

O que se procura não são soluções, mas sim melhores resultados na leitura e, conseqüentemente, na escrita. A tarefa do educador é mostrar como a leitura pode despontar como uma experiência rica a ser vivida de modo que o indivíduo possa mudar certos valores da vida, pois ela os capacita a transformar, criar e desenvolver o que já foi adquirido ao longo dos anos. Para superar o impasse da falta de referência de leitura ao aluno, uma forma seria criar unidades de leitura para ajudar o professor a organizar-se durante o ano letivo. Os professores interrogados sempre escolheram obras literárias para aplicarem os seus projetos, mas não definiram temas que relacionassem as obras aos valores de cidadania.

Se os educadores utilizassem uma unidade de leitura sobre qualquer temática e a explorassem com as obras literárias, com gêneros verbais e não verbais, como textos jornalísticos, contos, crônicas, imagens, anúncios publicitários, não seria mais interessante para o aluno? Se eles trabalhassem de maneira interdisciplinar, as obras não seriam mais interessantes para os alunos? Se o aluno visse sentido naquele livro que não faz parte de sua realidade, ele não demonstraria mais interesse em lê-lo? O que se pretende dizer é que, por mais que haja um planejamento, as obras ainda se mostram deslocadas quando se trata de sentidos e realidades produzidos pelos alunos. Por mais que haja procedimentos variados para que o aluno se interesse pela obra, como seminários e teatros, entre outros, ainda falta a ele se tornar íntimo com a leitura. Para Silva (2008), que aposta em unidades de leitura para diminuir a complexidade negativa do ato de ler dentro da sala de aula.

Os textos que compõem as unidades de leitura devem estar vinculados ao repertório de interesses, aspirações e necessidades da classe. Ainda que esta máxima pedagógica seja amplamente proclamada e conhecida, muitas vezes ocorre que os textos nada têm a ver com aquele repertório, tendo sido selecionados para crianças sem “rostro”. Daí muitas vezes, a real impossibilidade de criação de sentidos no transcorrer de um curso, seja pela estranheza dos referenciais dos textos, seja pelo grau de dificuldade linguística (inteligibilidade) que estes apresentam aos leitores no momento da leitura. (p.25)

Acredita-se, assim, que trabalhar a leitura na sala de aula é uma sequência de olhares: olhar para a turma e perceber que tipo de aluno há ali e como transformá-lo em leitor; olhar

para as obras e ver o que se aplica aos alunos naquele momento; olhar para o mundo do aluno e guiá-lo nesse mundo em direção à leitura, enfim, orientar sem impor, pois quanto mais impomos, mais afastamos o aluno do prazer de ler. Envolvê-los nas tramas, nos personagens, se possível, envolver a obra no cotidiano dos alunos para que eles possam ver sentido no que leem. Quando eles passam a ver ligações com a sua realidade, apresentam condições de organizar seu pensamento, saindo do mundo imaginário para um mundo em que ele se acha capaz, reconhecendo, nas páginas lidas, relações com a sua própria realidade. Desta forma, eles encontram espaço para se desenvolver ainda mais como sujeito-leitor, emancipando-se do ambiente escolar e entrando para o nível social. Na aprendizagem, o que interessa não é somente o produto, mas sim o processo que levará o aluno a fixar-se como um sujeito-leitor-crítico, emancipado em sua sociedade.

O final esperado para o educando, neste processo, é que possa simplesmente acordar o leitor em potencial que existe dentro dele, mas que desconhece por que em alguns momentos da sua vida escolar foi destinado a ser acrítico para não contrariar professores e textos. O que se quer são leitores que possam escolher suas próprias leituras, pois de codificadores e decodificadores as escolas já estão repletas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por acreditar que a prática de leitura é um elemento básico na educação escolar, deseja-se que a mesma seja exercida com naturalidade, sem muitas complicações. No entanto, a realidade apresentada e vivenciada no âmbito escolar mostra que neste espaço a leitura está em crise e que não há preocupação em formar leitores. Ainda que, atualmente, haja maior incentivo à leitura, esta ainda não consegue se firmar como uma atividade prazerosa e reflexiva nas salas de aula, pois continua sendo um lugar em que se lê, porém em que se forma pouquíssimos leitores. A pesquisa buscou analisar e confirmar que as práticas de leitura realizadas nas instituições não propiciam aos alunos a oportunidade de se formar como sujeitos-leitores. Realmente não há espaço para uma leitura crítica, reflexiva que possa inserir o aluno desde cedo à sociedade, através dos livros. Além disso, a pesquisa suscitou algumas reflexões a respeito do papel do educador como mediador de leitura.

Pressupondo que a leitura é um requisito básico para que o sujeito possa inserir-se nos universos letrados e sociais, devendo desenvolver-se quando interage com o texto, observa-se, através da pesquisa, que não há um rompimento com a tradição escolar, onde a atividade de leitura sempre possui fins didáticos estabelecidos pelo professor que se baseia no currículo escolar. Procedendo dessa forma, encontram-se alunos que, ao se deparar com o ato de ler, agem de forma mecânica, apenas decodificando o texto de acordo com o que lhe é pedido e, assim, a leitura deixa de ser uma prática socialmente construída, sem gerar no aluno prazer em ler. Por mais que as duas instituições interrogadas apresentem contextos diferenciados e que utilizem recursos didáticos distintos em seu ensino, percebeu-se que as execuções e as finalidades das práticas de leitura são semelhantes. Neste processo, o que mais decepciona é que os alunos de ambas as turmas questionadas, possivelmente sairão do Ensino Médio e entrarão em uma universidade sem entender a importância da leitura em sua vida, sem serem críticos e reflexivos o suficiente para que sejam inseridos como um cidadão..

As salas de aula em geral tendem a priorizar a disciplina e a ordem para que a prática de ensino e aprendizagem seja efetiva e as atividades de leitura sejam informativas, o que torna a leitura puramente funcional. Nesse contexto, o ambiente não é propício para a prática espontânea de leitura, não permitindo ao aluno a autonomia sobre o que vai ler nem sobre as ideias que irá expor ao grande grupo. Além disto, os textos apresentados a eles pelos educadores não os deixam ter a liberdade de relacionar às questões que permeiam o seu próprio mundo, o se cotidiano, as suas subjetividades. A leitura crítica é primordial para que a participação democrática do aluno-sujeito na sociedade seja efetiva. Aos alunos entrevistados

pouco foi lhes dito a respeito das ideologias que envolvem o autor e o leitor na interação com o texto. Não há um entendimento do porquê ler uma obra literária como atividade leitora. Ao aluno pouco a pouco é tirado o valor de entender, de refletir, de criticar, pois o valor de leitura que lhe é transmitido está longe de ser o esperado para a formação de um sujeito-leitor.

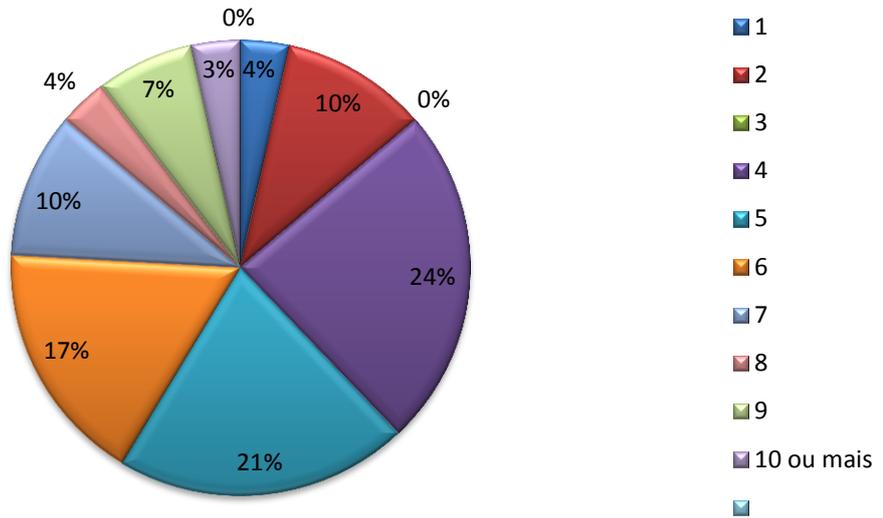
## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRITTO, Percival Leme. Leitura e política. **Revista Leitura: Teoria & Prática**, Porto Alegre, Mercado Aberto & ALB, n.33, p.7, jun.,1999.
- DA SILVA, Ezequiel Theodoro. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. 2. ed. Editora Ática, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Criticidade e Leitura: ensaios**. São Paulo: Global, 2009.
- \_\_\_\_\_. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. 2. ed. Editora Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DA SILVA, Ezequiel Theodoro. **Unidades de Leitura- trilogia pedagógica**. 2. ed. Campinas, SP, 2008.
- FEIJÓ, Mário. **O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores**. 1. ed., São Paulo: Ática, 2010.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KATO, M. A. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KLEIMAN, Ângela e MORAES, Silvia E. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Campinas, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 11. ed. Campinas, SP, 2007.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MIGUEL, Emilio Sánchez; PÉREZ, J.Ricardo García; PARDO, Javier Rosales. **Leitura na sala de aula: como ajudar a formar bons leitores**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**. 5.ed. Editora Ática, 2004.
- YUNES, Eliana (Coord.). **A leitura e a formação do leitor**. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

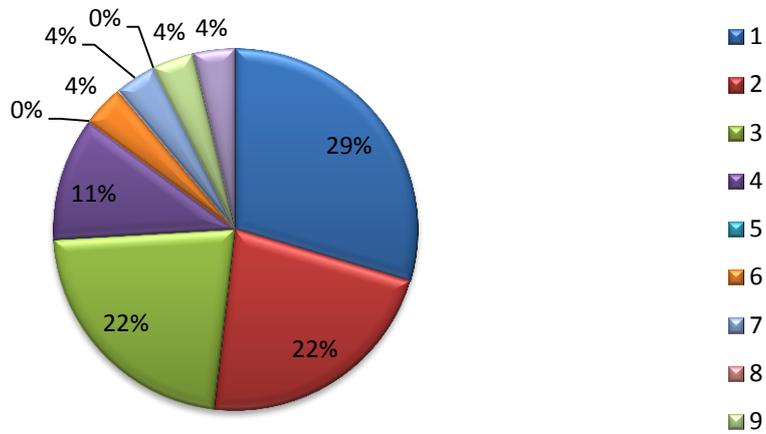
ZILBERMAN, Regina; DA SILVA, Ezequiel Theodoro. Pedagogia da leitura: movimento e história. In: ZILBERMAN, Regina; DA SILVA, Ezequiel Theodoro et. al. (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.

**ANEXO A - RESULTADOS DA PESQUISA APLICADA NA INSTITUIÇÃO FEDERAL - GRÁFICOS**

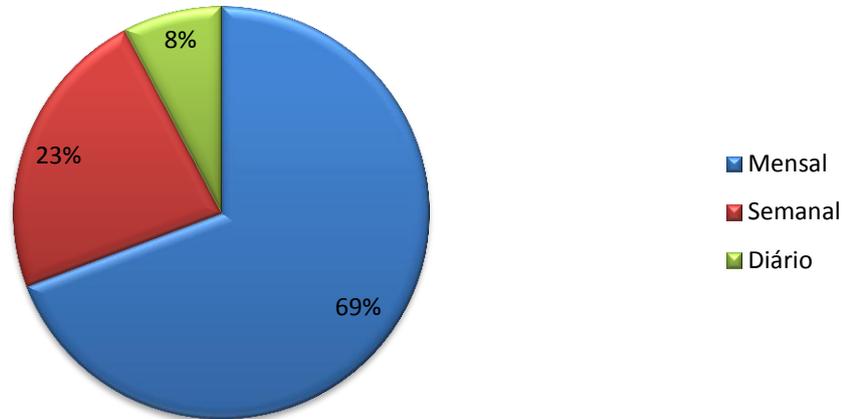
**1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?**



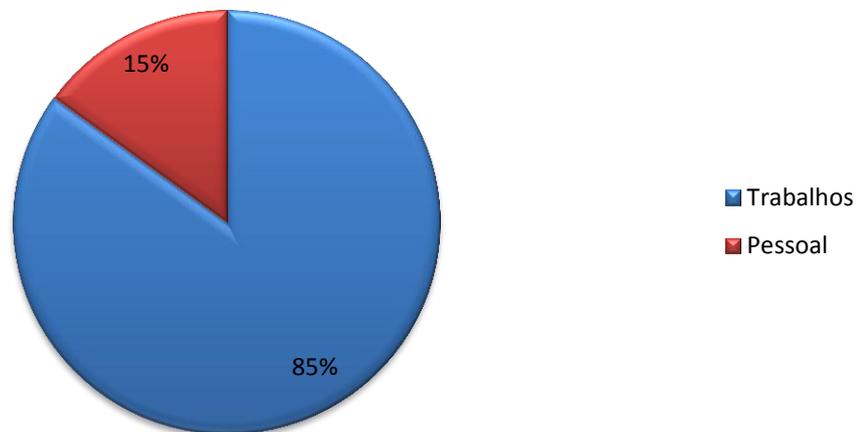
**2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?**



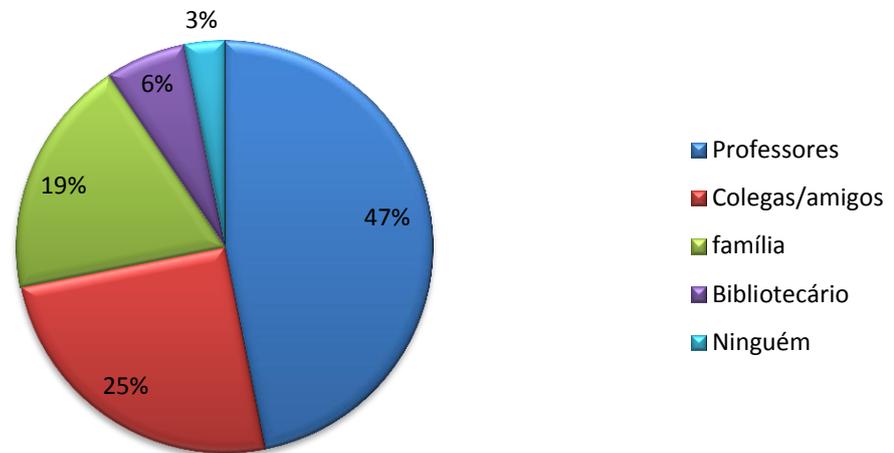
**3a) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio?**



**3b) Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos escolares?**



#### 4. Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:



## ANEXO B - PESQUISA PROFESSOR - INSTITUIÇÃO FEDERAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2  
Fabiane Pereira dos Santos Moreira

Há projeto de leitura na escola? Qual? É próprio ou exigência da Instituição?

Não tinha um projeto, mas a tradição de exigir leitura de um livro sugerido pelo prof. em cada mês. A exploração de tal livro é de forma rotineira de encenação, julgamento de personagem até prova.

Que tipos de dificuldade os alunos mais apresentam quando se trata de leitura?

Dificuldade de compreensão das ideias implícitas, de relacionar ou extrapolar.

Depois de ler alguma obra, os alunos questionam criticamente algum ponto?

Sim, em alguns casos apontando pontos que nem o prof. ou o autor tinham se dado conta. Isso aconteceu no encontro do autor Luiz Renato Weber com os alunos para falar de sua obra "O menino com 21 dedos".

Em sua opinião, a leitura nesta turma tende a ser mais interpretativa ou crítica?

Critica

Qualidade ou Quantidade de leituras: como é esta relação nesta turma?

Acredito que menos desejável do que gostaria. Muitos alunos não leem o sugerido, ou tentam tapear com o uso da Internet.

Você faz uso do acervo da biblioteca? Se sim, há número de exemplares de obras suficientes para uma turma? Há livros que possibilitem a leitura crítica?

Sim, o acervo ainda não é suficiente para toda a turma (com exceção de Sít Vicente). É prática a biblioteca, obter 5 exemplares de cada leitura obrigatória. O prof. procura vender em consignação os livros pedidos e repassa o desconto para os alunos.

Quantas leituras para uso pessoal você faz por ano?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 (X) 10 ou mais

E para o uso profissional, quantas você faz neste mesmo período?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 (X) 10 ou mais

## ANEXO C - PESQUISA ALUNOS - INSTITUIÇÃO FEDERAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2  
Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3  4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

( ) 1  2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos

escolares? Só quando necessito para trabalhos  
do colégio.

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

Professores

( ) Colegas/ Amigos

( ) Família

( ) Bibliotecário (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2  
Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 (X) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

( ) 1 (X) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos

escolares? Não frequento a biblioteca, eu  
compro os livros do professor, os  
livros obrigatórios.

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

(X) Professores

( ) Colegas/ Amigos

( ) Família

( ) Bibliotecário (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2

Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3  4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

( ) 1 ( ) 2  3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos escolares?

Sempre que preciso ou para fazer  
um livro que eu goste.

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

( ) Professores

Colegas/ Amigos

( ) Família

Bibliotecário (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2  
Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 (x) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

( ) 1 ( ) 2 (x) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos

escolares? Não frequento muito a biblioteca do  
colégio, quando retiro livros são para tra  
balhos escolares.

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

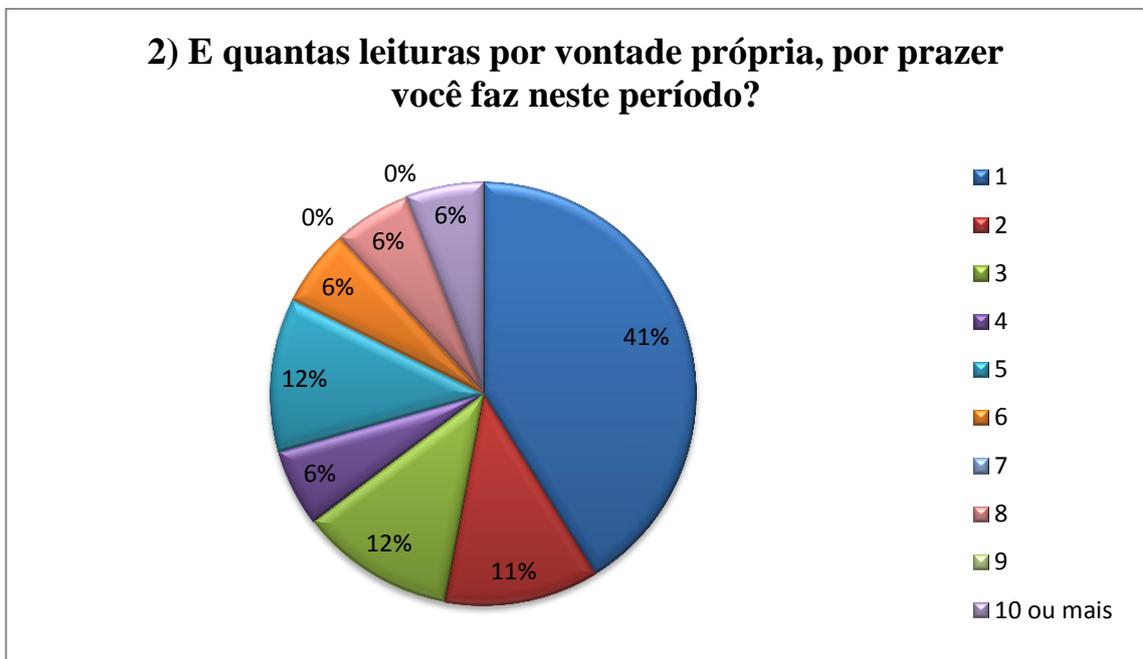
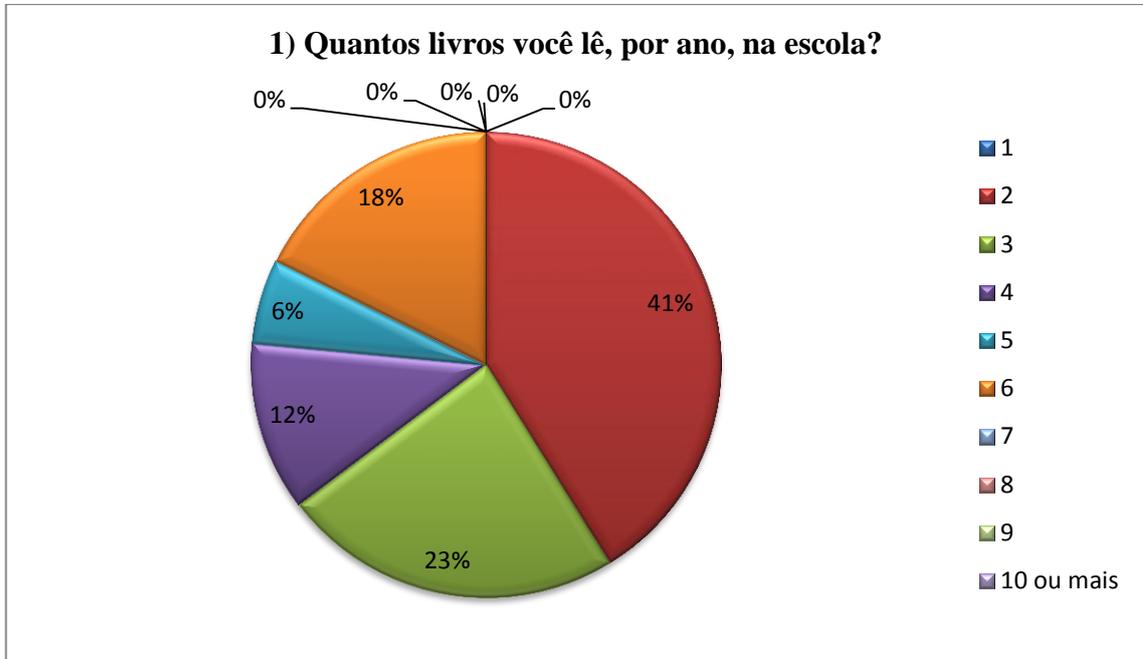
(x) Professores

( ) Colegas/ Amigos

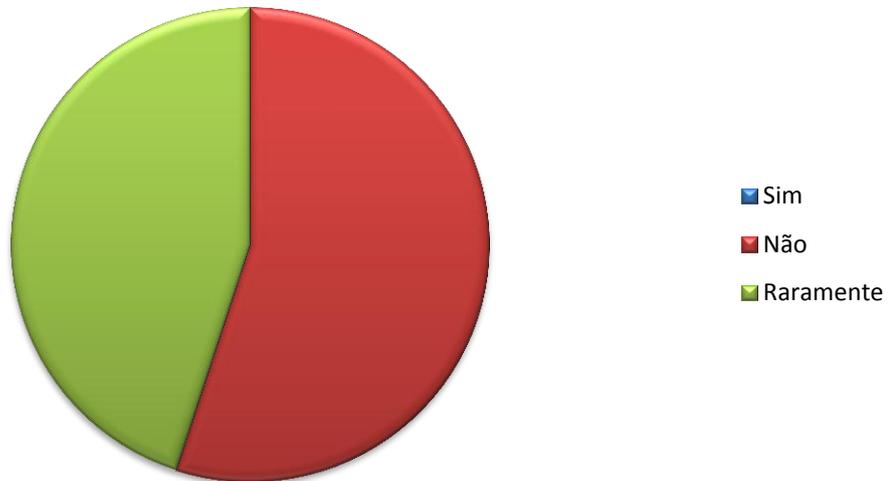
( ) Família

( ) Bibliotecário (a)

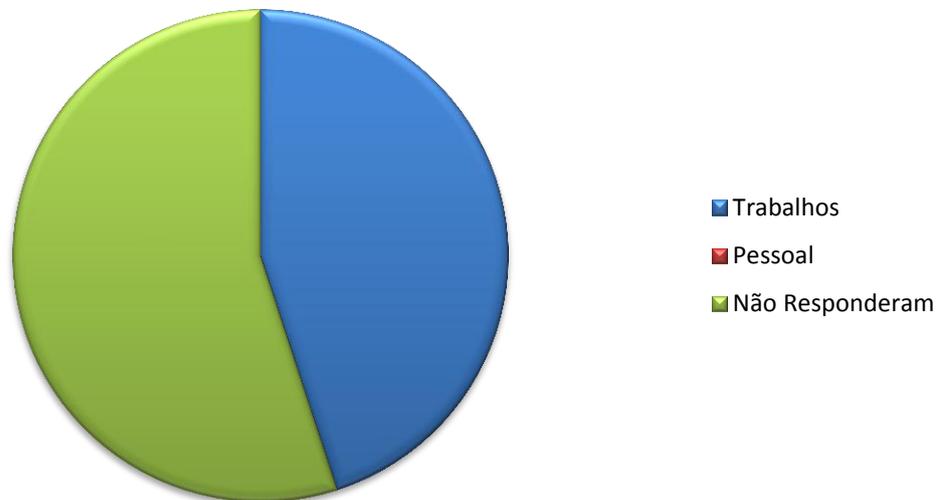
**ANEXO D - RESULTADOS DA PESQUISA APLICADA NA INSTITUIÇÃO  
ESTADUAL – GRÁFICOS**



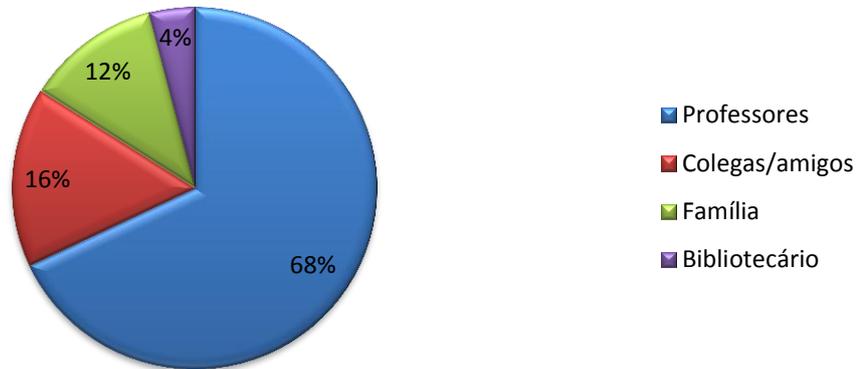
**3a) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio?**



**3b) Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos escolares?**



**4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:**



## ANEXO E - PESQUISA PROFESSOR - INSTITUIÇÃO ESTADUAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2

Fabiane Pereira dos Santos Moreira

Há projeto de leitura na escola? Qual? É próprio ou exigência da Instituição?

Sim. É um projeto que desenvolve anualmente com todas as turmas de ensino médio dividido em trimestres, de contos e romances, utilizando como estímulo a apresentação de um filme para que os alunos se envolvam com a temática, seguida. Após, eles escolhem uma obra da relação de sugestões dada ou não e realizam a leitura extra-aula. Uma data é marcada para que cada um apresente o que leu, em forma de seminário, opinando, criticando e envolvendo os colegas para que se sintam estimulados a lerem a obra apresentada.

Que tipos de dificuldade os alunos mais apresentam quando se trata de leitura?

A primeira dificuldade alegada pelos alunos é a disponibilidade de tempo; a outra é a insuficiência de títulos, ou seja, vários exemplares de uma mesma obra na biblioteca, pelo fato de surgir um autor e diferentes títulos para que possam conhecer melhor o escritor em questão. O último autor lido foi Nelson Rodrigues: "A vida com ela é".

Depois de ler alguma obra, os alunos questionam criticamente algum ponto?

Sim, geralmente. Questionam os motivos pelos quais levaram as personagens a agir de determinada maneira para o enfrentamento de algum problema. Qual a intenção do autor ao escrever tal história, etc.

Em sua opinião, a leitura nesta turma tende a ser mais interpretativa ou crítica?

Ambas, as duas abordagens costumam ser realizadas.

Qualidade ou Quantidade de leituras: como é esta relação nesta

turma? Quantidade sempre. Quantidade não, quer dizer muita coisa. Todas as leituras propostas são sempre debatidas em grupo para a compreensão. Há também trabalhos escritos baseados no livro, como o caso em "História Moderna", de Otto Harsanyi, em que é apresentado um texto narrativo que possibilita ao aluno refletir a leitura, à medida que vai desenvolvendo a resposta às perguntas apresentadas.

Você faz uso do acervo da biblioteca? Se sim, há número de exemplares de obras suficientes para uma turma? Há livros que possibilitem a leitura crítica?

Sim, há títulos e autores excelentes na biblioteca, mas infelizmente não há número suficiente de obras de um mesmo autor para uma turma.

Quantas leituras para uso pessoal você faz por ano?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 (X) 10 ou mais

E para o uso profissional, quantas você faz neste mesmo período?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 (X) 10 ou mais

## ANEXO F - PESQUISA ALUNOS - INSTITUIÇÃO ESTADUAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2

Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

1  2  3  4  5  6  7  8  9  10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

1  2  3  4  5  6  7  8  9  10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos

escolares? Nunca. Os livros e contos que leio estão da internet.

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

Professores

Colegas/ Amigos

Família

Bibliotecário (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2  
Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

( ) 1 ( ) 2 (x) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

( ) 1 (x) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos

escolares? Não frequento muito a biblioteca, quando vou é para pesquisas de trabalhos.

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

(x) Professores

(x) Colegas/ Amigos

( ) Família

( ) Bibliotecário (a)

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SULUNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2

Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

( ) 1 ( ) 2 () 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

() 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos escolares? Não frequenta.

---

---

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

() Professores

() Colegas/ Amigos

( ) Família

( ) Bibliotecário (a)

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - 2012/2

Fabiane Pereira dos Santos Moreira

1) Quantos livros você lê, por ano, na escola?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 (X) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

2) E quantas leituras por vontade própria, por prazer você faz neste período?

(X) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ou mais

3) Com que frequência você visita a biblioteca de seu colégio? Se você frequenta, os livros que você retira são para usos pessoais ou para trabalhos escolares? Não retiro nenhum livro na escola.

4) Quando há indicações de livros/obras, quem mais os indica para você:

(X) Professores

( ) Colegas/ Amigos

( ) Família

( ) Bibliotecário (a)